

MEDO, ISOLAMENTO E RESILIÊNCIA: IMPACTOS DA PANDEMIA NAS EMOÇÕES DE JOVENS ESTUDANTES E AS EXPECTATIVAS QUANTO A ESCOLA

Suélen Pinheiro Freire Acosta¹

RESUMO

Em março de 2020 a pandemia de coronavírus chegou ao Brasil. O cotidiano foi afetado de maneira significativa, sobretudo no chamado período de “quarentena”, quando medidas de isolamento social foram postas e as rotinas precisaram ser reconstruídas, ainda que de forma precária. Com relação aos jovens, as pesquisas e reportagens analisadas demonstram que a falta do contato com amigos, da escola como espaço de socialização, a incerteza quanto ao futuro, conflitos familiares e medo do contágio pelo vírus se relacionam ao aumento de sentimentos como isolamento e nervosismo. Além disso, a possibilidade de continuar estudando ou trabalhando de forma remota expuseram as desigualdades sociais, as quais afetaram diretamente a experiência das juventudes em meio a pandemia. Os resultados alternam também com relação aos momentos da pandemia, demonstrando processo de adaptação e construção de estratégias para vivenciar esse contexto e apontando para a importância da resiliência. A construção realizada até aqui aponta caminho interessantes para a realização de novas pesquisas assim como a continuação da proposta aqui apresentada.

Palavras-chave: Jovens; pandemia; medo; isolamento; emoções.

1 Doutoranda do Curso de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora de Sociologia na educação básica, suelenpfacosta@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de projeto de tese em desenvolvimento², propõem reflexões sobre os impactos da pandemia de Covid 19 na vida das juventudes. Sobretudo, consideramos como emoções relacionadas à vergonha, ao medo e a o isolamento foram afloradas, assim como o sentimento de resiliência para o enfrentamento aos obstáculos postos pelo contexto pandêmico e as expectativas com relação ao futuro pós-pandemia, especialmente com relação à escola.

A pandemia de coronavírus chegou ao Brasil em março de 2020. A partir de então, o cotidiano foi afetado de maneira significativa, sobretudo no chamado período de “quarentena”, quando medidas de isolamento e distanciamento social foram impostas como prevenção ao contágio, e as rotinas precisaram ser reconstruídas, ainda que de forma precária. Para os jovens, objeto deste texto, a adaptação da rotina a atividades remotas e ao “ficar em casa” com a família trouxe impactos significativos. Além disso, foi período onde a presença da morte, do luto e do medo se intensificaram na vida de jovens.

Com base nos relatórios das pesquisas “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” (Conjuve), e “ConVid Adolescentes – Pesquisa de comportamentos” (Fiocruz) e em três reportagens que relacionam os temas juventude e pandemia, o presente texto visa compreender como o contexto de pandemia afetou as emoções dos jovens. A análise dos relatórios e reportagens foi realizada a luz de referenciais da Sociologia das emoções e estudos do campo das Ciências Sociais sobre as juventudes.

As pesquisas e reportagens analisadas demonstram que a falta do contato com amigos, da escola como espaço de socialização, a incerteza quanto ao futuro, conflitos familiares e medo do contágio pelo vírus se relacionam

2 O projeto tem o seguinte problema de pesquisa: Como os jovens porto-alegrenses, nos diferentes arranjos de classe, raça e gênero, desenvolveram estratégias para construir sentidos de normalidade no contexto social pandêmico? O objetivo é construir respostas com jovens de 18 a 24 anos, com identidades diversas e diferentes percepções quanto ao contexto pandêmico. Para tanto, realizaremos encontros de grupos focais e entrevistas individuais.

ao aumento de sentimentos como isolamento e nervosismo. Além disso, a possibilidade de continuar estudando ou trabalhando de forma remota expuseram as desigualdades sociais, as quais afetaram diretamente a experiência das juventudes em meio à pandemia. Também demonstram diferentes impactos relativos ao gênero quanto às emoções vivenciadas, bem como as formas de lidar com as mesmas.

Os resultados alternam também com relação aos momentos da pandemia, demonstrando processo de adaptação e construção de estratégias para vivenciar esse contexto e apontando para a importância da resiliência. O retorno às aulas presenciais sinalizava, ao mesmo tempo, expectativa de reencontro dos amigos e retorno à normalidade, e vergonha em lidar pessoalmente com os colegas e as transformações na aparência física de cada um.

Dessa forma, a compreensão dos efeitos do contexto pandêmico na vida dos jovens e seus desdobramentos até a atualidade tem importância para, dentre outras coisas, repensarmos a escola. Também permite pensar sobre possibilidades de ação dos jovens frente a um contexto extremo e complexo como tem sido a pandemia.

METODOLOGIA

Para realização da proposta do presente texto, selecionamos alguns resultados dos relatórios pesquisas “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” (Conjuve), e “ConVid Adolescentes – Pesquisa de comportamentos” (Fiocruz), que tratam sobre as emoções vivenciadas nesse contexto, saúde, conflitos familiares, dificuldades para dar continuidade aos estudos e projeções com relação ao futuro. Complementarmente, utilizamos três reportagens que abordam problemas vivenciados por jovens no contexto pandêmico, trazendo relatos de jovens de diferentes contextos e que enfrentaram diferentes impactos. Dessa forma, trabalhamos com dados secundários quantitativos e qualitativos, que auxiliam na construção do cenário pandêmico e na indicação de caminhos para análises futuras.

Além disso, propomos diálogo entre os dados citados e referenciais teóricos da Sociologia das emoções e da Sociologia das juventudes, bem

como em pesquisas referentes ao contexto de pandemia. A leitura e análise dos dados foram realizadas com base em referências que apontam para a importância das emoções para a vivência da pandemia e para as percepções sobre o futuro pós-pandêmico.

MEDO E UMA NOVA SOCIABILIDADE PANDÊMICA

Ao mesmo tempo em que o período onde o isolamento social foi a principal medida de prevenção ao contágio pela Covid 19 trouxe uma série de questões para parcela das juventudes, foi uma impossibilidade para outra parcela que continuou precisando sair para trabalhar, pegando transporte público lotado, se expondo ao risco para se manter economicamente. O desenrolar do contexto de pandemia também trouxe certo enfraquecimento das preocupações com o contágio, aumentando a confiança na realização de saídas e encontros. Ainda que o fim da pandemia enquanto emergência de saúde pública tenha sido declarada em maio de 2023, seus impactos sociais ainda serão sentidos, inclusive quanto à percepção com relação ao seu “fim³”.

Na primeira edição da pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus”, em questões sobre “hábitos de saúde e bem-estar”, os jovens foram questionados sobre a frequência com que saíram de casa para atividades diversas e verificou-se que 84% das saídas se relacionaram à necessidade de fazer “compras de alimentos, limpeza ou farmácia”, 36% para “cuidar de alguém que precisa”, 19% para trabalhar. Com relação a “encontrar família, amigos, crush, namorado (a)”, verificou-se frequência de 50%, para “fazer exercícios” 25% e para “dar uma volta”, 41%.

Podemos observar que a maioria dos jovens entrevistados saiu de suas casas para atividades essenciais, como fazer compras e cuidar de outras pessoas, o que se repetiu na segunda edição da pesquisa e é notável também no relatório da pesquisa ConVid. Nos casos de jovens que estiveram próximos

3 Fazemos referência ao fim da pandemia enquanto emergência sanitária, conforme declaração da Organização Mundial de Saúde em Maio de 2023. Contudo, consideramos que a experiência de ter passado por ela introduziu mudanças que vieram para ficar.

a pessoas contaminadas com Covid, os dados mudaram, de modo que 64% afirmaram nunca ter saído para “dar uma volta, espairecer” e 56% nunca ter saído para “encontrar família, amigos, *crush*, namorado (a)”.

A possibilidade de “Perder algum familiar ou amigos” era a principal preocupação dos jovens conforme segunda edição da pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus”, assinalada por 61% dos entrevistados, enquanto 24% temiam “Ser infectado pela Covid-19” e outros 24% temia “Perder a vida”. A maior preocupação com familiares e amigos se relacionava ao contexto vivido, enquanto a baixa preocupação consigo mesmo, a possibilidade de ser infectado ou morrer se relacionava a certa disposição a correr riscos.

Nesse sentido, podemos observar que, dentre as atividades “não essenciais,” a que apresentou maior frequência de saídas dos jovens de suas casas foi para encontrar outras pessoas. A insuficiência das redes sociais e dos contatos virtuais, ou mesmo as dificuldades, ou impossibilidades de acesso à internet podem ajudar a compreender essa questão, bem como a disposição para correr riscos, a importância dos contatos físicos e ocupação de espaços de sociabilidade (como a rua, praças, parques). A rua passou a ser lida como ainda mais “perigosa”, se antes por medo ligado a insegurança e a violência, no contexto pandêmico, também pela possível contaminação pelo coronavírus, ao mesmo tempo, em que ganhou “nostalgicamente o sentido do “viver” que a casa, no isolamento, parece não permitir.” (Koury, 2021, p. 147)

A preocupação com a saúde de outras pessoas, com a possibilidade de contaminar familiares, por exemplo, e a adesão assinalada as medidas de prevenção ajudam na desnaturalização de certa imagem comumente associada aos jovens, sobretudo aos jovens de camadas populares. Imagens e notícias denunciando casos “aglomeração” foram comuns nesse contexto, assim como a culpabilização dos jovens por “espalhar o vírus”. Nesse sentido, reportagem da Agência Mural⁴ entrevistou jovens de São Paulo sobre “Porque aglomerar?” e as respostas dos entrevistados trazem diversas reflexões

4 FELICIO, A., SILVA, E., VELOSO, L. Por que aglomerar? Jovens relatam os motivos para irem a festas durante a pandemia. **Agência De Jornalismo Das Periferias**. Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/especiais/jovens-relatam-os-motivos-para-irem-a-festas-durante-a-pandemia/> Acesso em: Março de 2021

sobre o contexto vivido, como a permissão para aglomerações “no busão” para ir ao trabalho, mas não para festas. “Aqui na periferia a gente não tem nada o que fazer sempre. Ficar só em casa é ruim porque não tem muito espaço e fica todo mundo junto. Quando eu saio, me divirto e dou uma respirada”, afirma um jovem entrevistado. A reportagem também refere à expectativa de voltar a ir a festas após um ano de isolamento, casos de jovens que tem nas festas seu emprego (como DJs), e as diferentes opiniões entre os que tiveram pessoas próximas infectadas e os que não tiveram, bem como o medo relacionado à possibilidade de ser assintomático (que fez com que um dos entrevistados deixasse de frequentar festas).

Além da problematização desenvolvida na reportagem, que articula trabalho e lazer (Se é permitido aglomerar para trabalhar, porque não para festejar? Como ficaram as pessoas que tinham nas festas o seu trabalho?) e refletem as condições de vida nas periferias, podemos pensar também na importância das festas como rituais de passagem para juventude. Podemos destacar como exemplos as festas de formatura e as festas de quinze anos (ou debutante).

A emoção medo é importante para pensarmos sobre a decisão de deixar de frequentar festas e atividades que contrariavam as orientações para prevenção ao contágio pela Covid 19.

O medo – do contágio, da morte – foi motivador para que os indivíduos cumprissem as medidas de prevenção, se distanciassem de pessoas queridas, deixassem atividades de lazer e passatempos e reduzissem sua frequência nos espaços públicos. Nessa perspectiva, Pereira (2020), analisou “cenários do medo” que se produziram em meio a pandemia, identificando a emergência de uma “sociabilidade pandêmica” onde o medo “pode ser a matriz estruturante de todas as ações e sentimentos vividos”.

Além disso, o medo pode estar relacionado à emoção de vergonha, a ser mal visto socialmente ao descumprir as medidas e ao risco consequente de ser excluído, isolado ou “cancelado”⁵. Na perspectiva do sociólogo Thomas

5 Ver: DUNKER, Christian. Quem tem medo do cancelamento? Revista Gama. Julho de 2020. Acesso em junho de 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/>

Scheff, o medo e a vergonha são emoções que se relacionam e se aproximam, embora guardem diferenças. Com base em leituras desse autor, Dores (2013, p. 4)

O medo pode ser definido como a emoção que assinala o sentimento existente de a integridade do indivíduo estar em risco e faz disparar o coração, preparando o corpo e a mente para a ação intensa, em contraste com a vergonha, definida por Scheff como o sinal de presença de riscos para os laços sociais das pessoas, o que faz ruborizar a face.

Assim, o medo demonstrado pelos jovens nas pesquisas e na reportagem se interliga, sobretudo no contexto pandêmico, ao medo de ser excluído das redes de relações, conectando-se, dessa forma, a emoção de vergonha.

ISOLAMENTO SOCIAL: EVITAR O VÍRUS E EVITAR O OUTRO

“A pandemia obrigou jovens e adolescentes a se afastar dos grupos e trancar sonhos e paixões dentro de casa.”, afirmou reportagem da Revista Gama⁶ em janeiro de 2021. A reportagem, com título “Juventude confinada”, trouxe relatos de jovens após um ano de pandemia, como *“Passei o ano inteiro sem me apaixonar”* e *“Parecia que só eu estava vivendo tudo aquilo”*. A reportagem abordou ainda relatos de dificuldade de concentração nos estudos online, unidos a frustração pela não realização dos planos, como começar em uma série ou escola nova. Assim, duas esferas importantes da vida, especialmente dos jovens, se mostraram afetadas: os estudos e os relacionamentos.

Não raramente, a escola é o espaço de socialização e produção de laços afetivos mais importantes na vida das juventudes. Além disso, o tempo de estada na escola e em outros espaços proporciona também um afastamento entre filhos e pais ou responsáveis, importante para a formação da autonomia dos jovens, como retrata a reportagem, e que também foi afetada pela

6 Ver: BERGAMO, Giuliana. Juventude confinada. Revista Gama. Janeiro, 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/juventude-confinada/> Acesso em: maio de 2023.

pandemia. A distância dos colegas e amigos pode disparar o sentimento de estar sozinho vivendo um desastre mundial, como a pandemia.

Estar mais tempo em casa, com a família, em contexto de tamanha insegurança, também trouxe o aumento dos conflitos familiares. A divisão das tarefas domésticas e a constituição de uma “rotina precária” em meio à pandemia ampliaram o sentimento de ansiedade, como observou Koury (2020). O autor destacou outros fatores para os conflitos familiares, como a insegurança “sobre a manutenção do emprego, com as exigências de continuidade do trabalho por meios virtuais, sem o aparato técnico necessário” (Koury, 2020, 20). A pesquisa de Bezerra *et al.* (2020, p. 2414) também demonstrou o “estresse no ambiente doméstico”. Como mostrou a pesquisa nacional “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” (edição de maio de 2021), “brigas frequentes dentro de casa” foi apontado por 21% dos entrevistados como resultado direto ou indireto da pandemia, sendo mais frequente entre os jovens na faixa dos 15 a 17 anos (24%). Também foi significativo o nível de sentimento de isolamento demonstrado por 32,8% dos adolescentes à pesquisa ConVid, realizada pela Fiocruz.

A pesquisa também mostrou que o sentimento de isolamento foi mais frequente entre as meninas (41,1%) em relação aos meninos (24,2%) e entre os adolescentes mais velhos (16 a 17 anos, 40%) em relação aos mais novos (12 a 15 anos, 29,4%). Também abordou os sentimentos de tristeza e nervosismo. Entre os jovens entrevistados, 23,2% afirmaram se sentir triste na maioria das vezes e 9,2% afirmou se sentir triste sempre no período de pandemia, sendo que o percentual das meninas foi duas vezes maior que o dos meninos. Com relação ao nervosismo, 29,4% se sentiu nervoso (a) ou mal-humorado (a) na maioria das vezes e 19,3% sempre. O nível de nervosismo apresentado pelas meninas novamente foi maior que o dos meninos, 27,7% delas afirmou sentir nervosismo sempre, enquanto 10,8% deles afirmou o mesmo. A segunda edição da pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” mostrou dados semelhantes, onde 6 a cada 10 jovens relataram ansiedade e uso exagerado de redes sociais, como provável saída para a falta de socialização e lazer, além dos estudos e trabalho. O aumento das brigas em casa e o sentimento de isolamento se relacionam, assim como o sentimento de tristeza e nervosismo.

O espaço da casa se transformou, para muitas famílias, em espaço de trabalho e de estudos, sendo ainda local de moradia e convivência. Famílias que se encontravam somente “após o expediente” passaram a conviver o dia todo, compartilhando, muitas vezes, os equipamentos de trabalho e estudo. Para 12,7% dos jovens entrevistados na pesquisa ConVid, compartilhar o computador com outra pessoa foi apontado como fator de dificuldade para acompanhar as aulas no ensino à distância, e 22,2% destacaram a falta de lugar silencioso e adequado para assistir às aulas.

O sentimento de isolamento pode ser desdobrado na emoção de solidão, de estar desconectado de outras pessoas. A depressão pode ser uma consequência da associação entre os sentimentos destacados pelas pesquisas e pela sensação de estar vivendo sozinha uma experiência mundial. Contudo, ainda no contexto anterior à pandemia, o aumento do isolamento de jovens e de relatos de piora na saúde mental já era observado. A metáfora de “geração do quarto”, elaborada por Ferreira (2022) em referência a jovens que estão mais conectados do que nunca a com o mundo via redes sociais, e mais desconectados e solitários dentro de casa. Assim, podemos pensar no isolamento dos jovens como uma questão anterior ao contexto pandêmico, intensificada durante este período, com impactos nas vivências familiares, afetivas e escolares.

RESILIÊNCIA: IMAGINAR O FUTURO PÓS PANDEMIA

Além dos impactos na rotina, na vida familiar, nos relacionamentos e nos estudos, a pandemia também impactou fortemente nas perspectivas de futuro dos jovens. Os planos construídos até março de 2020 precisaram ser repensados, com ajustes de rota conforme as possibilidades que se apresentam a cada jovem. A continuidade da pandemia ao longo de quase três anos fez ainda com que essa revisão e replanejamento tenham sido mais frequentes na experiência dos jovens.

Jovens entrevistados pela reportagem “Estudantes do ensino médio contam como é estar na adolescência em meio à pandemia”, do Jornal da Universidade, relatam as dificuldades enfrentadas nesse contexto. Os relatos tratam da perda da “magia de terminar o colégio, de estar me formando”

e de objetivos ou foco, associados, nos relatos, aos estudos. Também as esperanças quanto ao fim da pandemia e retomada da vida vão se enfraquecendo, conforme os relatos, sobretudo enquanto as atividades escolares não retornavam.

Comparando perspectivas de futuro entre os jovens em 2020 e 2021, a segunda edição da pesquisa “Juventudes e Pandemia” observa um clima mais otimista. Em 2021, 42% afirmaram imaginar que a qualidade da educação melhoraria após a pandemia (enquanto em 2020 foram 24%). Quanto à qualidade de vida, em 2021 48% imaginavam que estaria melhor após a pandemia (em 2020 foram 31%). Por outro lado, a perspectiva de todas as áreas elencadas permaneceria igual também aumentou na comparação entre os dados de 2020 e 2021. Nesse sentido, é possível identificar um processo de adaptação as mudanças trazidas pelo contexto pandêmico, atenuação dos impactos iniciais. Porém, ainda não é possível afirmar a presença de uma visão propriamente otimista entre os jovens.

A experiência de viver o contexto pandêmico, em seus desdobramentos, tornou necessário o desenvolvimento de habilidades resilientes e empáticas. Nos relatos dos jovens entrevistados pelo Jornal da Universidade, a resiliência é apontada na construção de estratégias para reunir os amigos (para jogos, estudos e outras atividades online). Dessa forma, Leiva e Rivera (ANO, p. 163) afirmam:

La pandemia condujo a los jóvenes a tener que rediseñar sus múltiples trayectorias y poner de manifiesto sus capacidades adaptativas, resolutivas y resilientes para seguir adelante con sus vidas.

Embora a resiliência não seja uma emoção, se apresenta nesse contexto como habilidade e ação para enfrentar o contexto pandêmico e sobreviver-lo. Os relatos que encerram a reportagem do Jornal da Universidade, instigados pela questão “Com o que tu sonhas?”, remontam sonhos coletivos, de melhorias na distribuição de renda, saneamento, saúde, e de poder voltar a reunir os amigos. O redesenho das trajetórias pode passar, então, pelo pensar e agir coletivo, assim como pelo desejo de voltar a estar junto e perto de pessoas queridas.

EXPECTATIVAS SOBRE A ESCOLA

Observamos até aqui uma série de impactos do contexto pandêmico na vida escolar dos jovens. A distância dos amigos, colegas e da escola como um todo inferem mudanças nas perspectivas de futuro e nas emoções de medo, vergonha, isolamento, nervosismo. Além disso, na reorganização da rotina dos jovens durante o contexto pandêmico, pode-se perceber a centralidade da escola e dos estudos. (K

Conforme a UNICEF⁷, após um ano de pandemia, cerca de 114 milhões de estudantes ficaram sem aulas presenciais na América Latina e no Caribe. Muitas foram as consequências na vida desses estudantes, com relação à aprendizagem e a evasão escolar. As escolas e outros ambientes socioeducativos, muitas vezes “são o único elo entre as famílias e o acesso à garantia de direitos” (Guilherme *et al.*, 2021, p. 24), onde especialmente estudantes em situação de vulnerabilidade social, têm acesso à alimentação e outros direitos básicos. A evasão escolar e a defasagem nos estudos tendem a implicar maiores dificuldades na inserção dos jovens no mundo do trabalho, além de ter demonstrado impactos na saúde mental destes, em especial como efeito das medidas de isolamento e dificuldades econômicas, de acordo com dados da UNICEF.

A pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” no Brasil apontou alto índice de jovens que não estavam estudando, e que especialmente entre os mais novos a pandemia foi fator importante para interrupção dos estudos, sendo 68% na faixa 15 a 17 anos e 63% na de 18 a 24 anos. Entre os motivos, o principal é financeiro, apontado por 21%, e mais alto entre os meninos. Em segundo e terceiro lugar estão dificuldades de adaptação ao ensino remoto (14% afirma “Não consegui me organizar com o ensino remoto” e 10% “Não estava aprendendo ou não gostava dos conteúdos”). Entre as jovens das diferentes faixas de idade é marcante a gestação ou necessidade de cuidar dos filhos como motivo para deixar os estudos, assim como a necessidade de

7 Ver: “114 MILHÕES de crianças e adolescentes ainda estão fora da sala de aula na América Latina e no Caribe. **Unicef**. Panamá, 24 de março de 2021.” Disponível em: Acesso em: Janeiro de 2022

cuidar de familiares, de modo que 2 a cada 10 mulheres deixaram de estudar por tais motivos, fator que já era presente no contexto pré-pandêmico. A falta de acesso à internet, meio de acompanhar as aulas no formato remoto, foi apontado por 26,3% dos entrevistados.

Os efeitos da pandemia na economia e no aumento do desemprego foram sentidos pelos jovens, especialmente pelos mais pobres. Conforme o Atlas das Juventudes, a taxa de desemprego entre jovens no contexto de pandemia foi superior à taxa média da população geral. Dos entrevistados pela pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus”, 36% ingressou no mercado de trabalho, sendo que destes 10% estavam na faixa etária de 15 a 17 anos. A necessidade de complementar a renda da família foi um fator importante, e a pesquisa também mostrou que 41% dos jovens estavam contribuindo para sustentar o domicílio.

A pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus” mostra que 61% dos jovens consideram “Atividades para trabalhar as emoções (estresse, ansiedade, etc.)” como conteúdo relevante (o que dialoga com resultados da pesquisa ConVid, citadas anteriormente, sobre nervosismo e sentimento de isolamento). Podemos perceber que há entre os jovens uma percepção de piora na sua saúde mental e a identificação da educação e da escola como ambientes para ajudar na melhoria. A busca de soluções ou estratégias para lidar com as suas emoções demonstra uma visão interessante, com uma leitura compreensiva e ativa sobre a sua saúde mental como reflexo da pandemia. Além das expectativas quanto a abordagem sobre emoções na escola, 50% dos jovens que participaram da pesquisa também considerou prioritário garantir atendimento psicológico na saúde pública e 37% acha que esse atendimento deveria acontecer nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises propostas até aqui buscaram compreender os impactos da pandemia de coronavírus nos jovens e as emoções que emergiram e se intensificaram nesse contexto, pautando ações e construção de novas perspectivas entre eles. Tendo partido de dados quantitativos de pesquisas realizadas ao nível nacional, e reportagens realizadas em diferentes contextos

assim como a leitura de artigos relacionados as temáticas das juventudes e pandemia, o presente texto traçou alguns caminhos para compreensão de tal problemática.

As emoções se apresentam de forma central, engatilhadas pela pandemia. Assim, o desenvolvimento da pesquisa na qual este texto se insere, será continuada por meio de técnicas de pesquisa qualitativa, associando a realização de grupos focais e entrevistas individuais, visando dialogar e escutar as experiências e percepções de jovens estudantes porto-alegrenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

114 MILHÕES de crianças e adolescentes ainda estão fora da sala de aula na América Latina e no Caribe. **Unicef**. Panamá, 24 de março de 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/114-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-ainda-estao-fora-da-sala-de-aula-na-america-latina-e-no-caribe> Acesso em: Janeiro de 2022

ATLAS DAS JUVENTUDES - Evidências para transformação das juventudes. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/relatorio/> Acesso em: Julho de 2021.

BERGAMO, Giuliana. Juventude Confinada. **Revista Gama**. Jan 2021. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/juventude-confinada/> Acesso em: Jan 2021

BEZERRA, A. C. V. , SILVA, C. E. M. da, SOARES, F. R. G., SILVA, J.A. M.. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25, 2020

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Juventudes e a pandemia do coronavírus** - 2º edição - Relatório nacional, Maio de 2021. Disponível em: https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210702.pdf Acesso em: Junho de 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Juventudes e a pandemia do coronavírus - Relatório de resultados**, Junho de 2020. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>
Acesso em: Julho de 2020.

CONVID Adolescentes - Pesquisa de comportamentos. Disponível em: https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=apresentacao_resultado_adolescentes
Acesso em: Julho de 2021.

DORE, A. P. Medo e vergonha: emoções comunitárias e emoções sociais. **Revista Angolana de Sociologia**, 2011, p. 43-54

DUNKER, C.. Quem tem medo do cancelamento? **Revista Gama**. Julho de 2020. Acesso em Junho de 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-com-medo/o-medo-da-cultura-do-cancelamento/> Acesso em Junho de 2023

FELICIO, A., SILVA, E., VELOSO, L. Por que aglomerar? Jovens relatam os motivos para irem a festas durante a pandemia. **Agência De Jornalismo Das Periferias**. Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/especiais/jovens-relatam-os-motivos-para-irem-a-festas-durante-a-pandemia/> Acesso em: Março de 2021

FERREIRA, H. M., **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2022

GUILHERME, A. A., CAMARGO, P. de O., SANTOS, A. F., PASSOELLO, A. da P., BORBA, J. S. de. Impactos do afastamento do ambiente escolar e sócio educacional durante a pandemia do COVID-19. In.: OEI - Organização dos Estados Iberoamericanos - Iberoamérica. Experiencias e investigaciones durante la pandemia covid-19. Disponível em: <https://oei.int/pt/escritorios/secretaria-geral/publicacoes/iberoamerica-experiencias-e-investigaciones-durante-la-pandemia-covid-19> Acesso em: Novembro de 2021

KOURY, M. G. P. **Introdução à Sociologia da Emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004

KOURY, M. G. P.. As emoções em tempo de isolamento social. *In.*: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Tempos de pandemia: Reflexões sobre o caso do Brasil**. 1. ed. – João Pessoa: Grem-Grei; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

KOURY, M. G. P.. **Cotidiano e pandemia no Brasil** [livro eletrônico]: emoções e sociabilidades / Mauro Guilherme Pinheiro Koury. -- 1. ed. -- Recife: Mauro Koury : Grem-Grei Edições, 2021

LEIVA, A. I. P., RIVERA, U. Z., Jóvenes y Familia en Tiempos de Pandemia. *In.*: ABRAMOVAY, M. (et al) **Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da covid-19** [livro eletrônico], 1. ed. -- Brasília, DF : Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2022.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cenários de medo e as sociabilidades pandêmicas no Maranhão. . *In.*: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Tempos de pandemia: Reflexões sobre o caso do Brasil**. 1. ed. – João Pessoa: Grem-Grei; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.